

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Boletim 133

Língua e Literatura Grega n.º 3

ALUIZIO DE FARIA COIMBRA

ALGUMAS FORMAS
DE
DIFERENCIAÇÃO



SÃO PAULO
1 9 5 1
B R A S I L

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor:

Prof. Dr. Ernesto Leme

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Diretor:

Prof. Dr. E. Simões de Paula

Cadeira de Língua e Literatura Grega:

Prof. Aluizio de Faria Coimbra

Assistente: José Lazzarini Junior

Auxiliares de ensino: { Hilda Penteado de Barros
Gilda Maria Reale



Tôda a correspondência relativa ao presente Boletim deverá ser dirigida à
Cadeira de Língua e Literatura Grega, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras,
Caixa Postal 8.105 — — São Paulo-Brasil.

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Sugere-se neste trabalho a *solução diferenciadora* para alguns casos de fonética grega e para dois relevantes problemas da gramática histórica portuguesa, o numeral **uma** e o sufixo **-inho**.

Sem embargo de que ocupem êstes últimos parte materialmente mais extensa do que aqueles, não se rompe com esta desigualdade a unidade intelectual do conjunto. O caso é de análise da ação de um mesmo agente linguístico, estudada, através de duas línguas indo-européias, em formações onde, provavelmente, não fôra até agora suspeitada.

O próprio agente tem caráter indo-europeu. A mesma dinâmica essencial o anima num e noutra idioma. Nem são dispares as circunstâncias e os efeitos nos fatos apreciados.

Eis por que me parece de inteira congruência serem, êstes expostos, à luz dos mesmos princípios, na tela do mesmo opúsculo.

S. Paulo, junho de 1951.

ALGUMAS FORMAS DE DIFERENCIAÇÃO (*)

ALUIZIO DE FARIA COIMBRA.

O lat. **una**, pela queda do **-n-** médio, era de esperar que que desse em ptg. *ua*, através de *ũa*, como de **luna** saiu *lua*, dantes *lũa*. Sendo pois, quando comparado a estas formas vernáculas, evidentemente anômalo, o **-m-** de *uma* requer interpretação aparte.

Procurou dá-la Leite de Vasconcelos, faz mais de sessenta e cinco anos, ou, mais precisamente, desde 1885, “quando primeiro aventou a explicação fonética”, segundo se lê em nota da p. 60 das *Lições de Filologia Portuguesa* Lisboa 1926. Acredito que a melhor expressão dêsse ensinamento do grande filólogo luso seja a que êle próprio nos depara o.c. p. 295: “O numeral *uma* provém da antiga *ũa*, pela intercalação da consoante nasal *m* depois de uma vogal também labial e nasal; cfr. o que aconteceu em *vinho*, de *vĩo*, onde uma consoante palatal-nasal se intercalou depois de uma vogal da mesma natureza. A vogal nasal do feminino manteve-se até tarde na língua literária (na popular ainda hoje se conserva), obrigada pela nasalidade do masculino, como em *bõa* o *õ* se manteve por muito tempo por causa de *bõ* (*bom*)”.

Outra hipótese, também por êle formulada, encontra-se na p. 35 dos *Opúsculos* II Coimbra 1928 e tem como ponto

(*) A revisão deste trabalho foi feita pelo assistente do Prof. Dr. Aluizio de Faria Coimbra, por ter este falecido dias antes de as provas ficarem prontas.

Em novo trabalho póstumo, a ser publicado brevemente, daremos notícia biográfica do autor.

de partida, não *ua*, isto é, **una** no estado em que imediatamente a deixara a queda da consoante nasal intervocálica, mas a própria forma **una**, na integridade em que a possuira o latim. Fala aqui o mestre nestes termos: “Fica para outro lugar resolver a seguinte questão: se *uma* provém directamente de *ũa*; se do lat. **una** pela mudança de *n* em *m* em virtude da influência do *u* inicial, que, sendo labial, labializaria também o som seguinte, sem lhe deixar perder o caracter que êste tinha de nasal”.

Gonçalves Viana não cogita da conservação do *-n-* e não o dá portanto como exposto à influência da labialidade do *u-*. Para o eminente poliglota lisboeta foi do próprio *u-*, detentor da nasalidade do *-n-* eliminado, que se formou a articulação consonântica labial. Di-lo nas *Apostilas aos Dicionários Portugueses* II Lisboa 1906 p. 261: “A nasalização consonantizou-se em *m* por influência do *u*, vogal labial, como o *m*, emtanto que depois de *i* se consonantizou em *nh*, consoante palatal, como *i*, por exemplo, em *vinho* <*vĩo*<**vinum**”. O emprêgo do vb. “consonantizou-se” leva a compreender, sem dúvida possível, que, com a palavra “nasalização”, designava êle a ressonância nasal de *ũa-*, não a articulação da consoante nasal *-n-*.

Também J.J. Nunes, na *Gramática Histórica Portuguesa* Lisboa 1930, procurou explicar *uma*, escrevendo p. 117: “Fenômeno idêntico à evolução da ressonância nasal depois do *i* deu-se, quando a vogal era *u*; porque esta é labial, o *n* teve de passar a *m* por assimilação quanto à natureza dos fonemas; assim, em vez dos arcaicos, *ũa*, *algũa*, *nenhũa*, diz-se hoje *uma*, *alguma*, *nenhuma* e nalguns sítios também *luma* por *lũa*”. Na mesma ordem de idéias dissera realmente antes p. 116: “A nasalização comunicada pelo *n* à vogal precedente, que constitui uma característica do por-

tuguês e galego, parece ter a princípio sido a mesma, fôsse esta qual fôsse, mais tarde, porém, com o *i* ela passou a *nh*, isto é, o *n*, que é dental, assimilou-se à semivogal, evoluindo em palatal. É o que se depreende de grafias como *não*, *vão*, *deiro*, etc.". Todavia outra parece ser a orientação que adota na p. 216, onde ensina: "Até pelo menos o séc. XV, persistiu a antiga forma masculina *ũu*, que depois se reduziu à actual (cf. *Fonética* § 30, 2); mas na feminina *ũa*, que ainda vive nalgumas falas populares, nas quais o *u*-soa, ora simplesmente nasalado, ora com gutural, a nasalização, depois do século XVI, produziu um *-m-* sob influência da labial nasal (assimilação incompleta)".

Tôdas essas explanações são, no meu entender, inexatas ou deficientes. Mas devo com lealdade reconhecer que, não obstante alguns judiciosos reparos que lhes tem sido feitos daquém e dalém mar, desfrutam a plena aceitação da maioria dos estudiosos.

Em verdade, quando afirma Leite de Vasconcelos que, depois de *ũ-*, vogal labial e nasal, *se intercalou* a consoante nasal *-n-*, apenas registra o fato material do surgimento de um fonema novo no corpo da palavra e o põe em relação ou o subordina à nasalidade e à labialidade do som vocálico anterior. Absolutamente porém não o explica, pois não nos dá aquilo que mais importa, ou melhor, aquilo que só importa e constitui a substância do problema: a razão de ser dêsse surgimento e os fatores que concorreram para a gênese de tal articulação consonântica entre as duas vogais. O simples paralelo que estabelece entre essa pretendida *intercalação* e a outra, que também pretende, de uma consoante palatal nasal, *-nh-*, em *vinho* < *vão*, não, basta evidentemente como *explicação fonética*, visto como também esta palatal necessita de ser *foneticamente* explicada.

Doutra parte, ao encarar a possibilidade de que *uma* provenha diretamente de *una*, com labialização do *-n-*, parece o mesmo insigne autor fechar os olhos ao tratamento que recebeu geralmente em ptg. a nasal lingual intervocálica e do qual são boa prova os mesmos *ũa* e *vão* que cita; e, o que é ainda mais sensível para os que dêle podíamos esperar uma apreciação segura e completa dos dados da pendência, não parece outrossim levar em conta que é *ũa*, não *una*, a forma que os textos arcaicos nos proporcionam como antecedente imediato do atual-feminino de *um*.

Não é mais bem sucedido Gonçalves Viana ao estabelecer que “a nasalização se consonantizou em *m*”, como em *vinho* <*vão* se teria, como diz, consonantizado em *-nh-*; porquanto, sendo a nasalização o processo pelo qual se confere ao som certo timbre, mediante o abaixamento do véu do paladar e consequente desvio de parte do sôpro glotal para o nariz, é incompreensível como pudesse essa descida ter-se transformado numa articulação consonântica labial ou lingual, também exigem, para emitidos, o concurso do mesmo abaixamento. Não corresponde assim a nenhuma realidade científica a tese de que se haja convertido numa articulação consonântica nasal a mera ressonância nasal do elemento vocálico, uma vez que a nasalidade é elemento comum a êste ou àquela e fica sempre por explicar o próprio movimento articulatorio dos lábios ou da língua, formador da consoante.

Quanto a J.J. Nunes, difícil cousa é saber-se, pela imprecisa redação dos três passcs transcritos supra, se entende que, no caso de *vinho*, o *-nh-* se apresenta como resultado da consonantização da ressonância nasal *-ĩ-* de *vão* ou como

resultado da assimilação do *-n-* intervocálico, que, preservado, teria sofrido a influência do *-i-* de **vino*, a êle se assimilando e “evolucionando em palatal”, como escreve; e, no caso de *uma*, se o *-m-* substitui a referida consonância nasal labializada pelo *-u-* ou é simples produto da nasalidade dêste. Qualquer que seja porém o sentido que se atribua aos mesmos três tópicos dêsse grande sabedor da nossa língua, irá ela coincidir com uma das proposições supra conferidas, de Leite de Vasconcelos ou de Gonçalves Viana, e *data venia* achadas insatisfatórias.

*
* *

Sôbre essas duas articulações nasais, o *-nh-* de *vinho* e o *-m-* de *uma* e dos respectivos similares, desejo aduzir do meu lado as considerações seguintes:

Representantes do suf. lat. *-inu*, possui a nossa língua, ao lado do final *-inho* (*caminho, ladinho, marinho, sobrinho*) e do final *-ino* (*latino, Marino, Severino*), a terminação *-im*, pronunciada *-ĩ* (*Crispim, lagostim, latim, Martim*).

Porque mais simplificada, pode esta última, entre as três, ser tida *primo visu* como a mais antiga, na fala comum do povo. Transformando-se em portuguesas, perdiam com efeito as palavras latinas daquele morfema, quando sujeitas a tratamento popular, não sòmente o *-u-*, mas ainda a articulação lingual do *-n-*, do qual apenas subsistia a ressonância nasal, incorporada à pronúncia do *-i-* precedente. O processo revelou-se tendência das mais tenazes e fecundas, segundo se induz da persistência de numerosos diminutivos dêsse tipo (*botim, lagostim, varzim*), assim como das não raras adaptações de peregrinismos em *-ino*, os quais, importados em época posterior aos primórdios do idioma,

tornaram-se também vocábulos em *-im* (*Arlequim, bandolim, botequim*). Estarão possivelmente neste mesmo grupo *camarim, espadim, festim, flautim, fortim*. E, conforme revela o caso de *ruína*, donde saiu *ruim*, adjetivo de uma só forma para os dois gêns., aos nomes fems. atingiu a desagregação da última sílaba. Palavras em lat. integradas com **-inu** ou com **-ina** revestiram em ptg. o mesmo uniforme final **-im**, com sacrifício da faculdade de distinção genérica que aqueles proporcionavam.

Paralelamente, de **-unu** a língua tirou, — a par de *-uma*, correspondente a *-inho*, e de *-uno* (*gatuno, ovelhuno*), correspondente a *-ino*, — também *-um*, aplicável, como *-im*, nos adjetivos, ao masc. e ao fem., conforme nos mostra o registro de Fr. Domingos Vieira, no *Grande Dicionario Portuguez* Porto 1871 s. v., para *cabrum, vacuum*, assim equiparados a *ruim*. Por motivos que adiante se esclarecem, só os fems., no tipo *-uma*, chegaram a constituir-se (*verruma, nenhuma*). Encontram-se porém normalmente, a par das masc. em *-inho* e *uno*, as formas fems. em *-inha* e *-una*.

As antigas estruturas em *-im* e *-um*, constituídas que foram com eliminação do *-u-* final e desarticulação do *-n-* intervocálico de **-inu** e **-unu**, podem ser classificadas como puros *laísmos*¹, isto é, genuínos produtos fonéticos de elaboração popular, criados sem interferência de outros agentes linguísticos. Contrapõem-se-lhes as formações de *-ino* e *-uno*, cultismos ou empréstimos, estruturados artificialmente ou tomados sem mudança a outro idioma e nos quais os citados sufs. são, por assim dizer, reproduzidos *ad litteram*. Ocupam posição intermédia as palavras do final *-inho, -inha* e *-uma*, de gênese semipopular, consoante passo a expor.

1. Neologismo técnico que julgo necessário para designação de palavras de pura cunhagem popular. Construo-o sôbre *λαός, povo*.

Posso contudo, desde logo, concluir, à vista de quanto já deixo assim estabelecido, a nenhuma procedência do alvitre de J.J. Nnes o.c. p. 395 de que seja *-im* “talvez de importação francesa”.

O caso foi que, tanto para os nomes de sêres que possuem gênero natural (*sobrinho, vizinho*), como para os adjetivos hoje sujeitos à concordância dêles (*um, algum, daninho*), a inflexibilidade das palavras em *-im* e *-um* cêdo se mostrou incômodamente inexpressiva e necessário se fêz corrigi-la mediante a adjunção do *-o* e do *-a* característicos, aquele do masc., êste do fem.. Perdida que se achava todavia a articulação lingual do *-n-*, entraram essas vogais em contacto, não com uma consoante, mas com uma vogal nasal, o *-ĩ* ou o *-ũ* referidos acima.

A consequência então surgida transcende as lindes da fonologia ptga. e vai achar sua explicação na dinâmica dos sons do i.e., ainda viva em numerosos traços dos idiomas modernos.

*
* * *

Quando se achava, na língua mãe, uma soante vogal antes de vogal com que não formava sílaba, desdobrava-se em dois sons, sc. um elemento vocálico breve e a forma consonântica, ou, mais exatamente, a semivogal que lhe correspondia. Na hipótese de ser *-i-* ou *-u-* a soante, se exprimirmos por ? o elemento vocálico breve e por *-e* a vogal, temos as fórmulas *-ie>?ye* e *-ue>?we*, as quais produzem, em quase todos os dialetos, *-iye* e *-uwe*. Comprova-mo documentos bem expressivos: véd. *jya*, *corda do arco*, *dvau*, *dois*, respectivamente escandidos no Rig-Veda como *jīya*, *duvau*; gr. *ὀφρύς*, gen. de *ὀφρύς*, sobancelha, que representa, com queda regular no digama, **ὀφρύφος*, conforme

se vê pelo gen. scr. correspondente, **bhruváh**, e pelo v. esl. e pelo v. esl. **bruvi** (acus.)²; por meio da métrica, da lição dos gramáticos, da grafia dos mss., das inscrições sabemos que it. *maggiore*, *peggiore* derivam das pronúncias ***maiore**, ***peiyore** do lat. **maiolem**, **peiolem**³, assim como *Genova*, *Padova*, *Mantova*, *rovina*, *vedova* continuam as pronúncias ***Genuwa**, ***Paduwa**, ***Mantuwa**, ***ruwina**, ***viduwa** de **Genua**, **Padua**, **Mantua**, **ruina**, **vidua**⁴. Explana muito expressivamente o desdobramento do *-u-* desta última o gót. **widuwo**, hol. *weduwe*, v. esl. **vidova**.

Sem regularidade aparece o fenômeno conservado nas línguas românicas, observando-se que nelas a soante, *i-* ou *u-*, quando isenta de nasalidade, parece limitada, em tais desdobramentos, à posição de segundo elemento de ditongo. A semivogal que então surge entre êste e a vogal converte-se secundariamente numa consonância constricta, que é hoje, já evolucionada, uma lábio-dental sonora, um *-v-*, como resultante de *-w-*, uma chiante sonora, um *-j-*, semelhante ao *j* fr., como resultante de *-y-*.

2. A. MEILLET, *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*, Paris 1937 p. 117.
3. M. NIEDERMANN, *Phonétique historique du latin* Paris 1931 § 54. FERD. SOMMER, *Handbuch der lateinischen Laut- und Formenlehre*, Heidelberg 1948 § 95.
4. NUNES conhece êsses desdobramentos, aos quais menciona pp. 78 e 91, citando Niedermann e Sommer, oo. supra. A respeito de **Padua** produz o mesmo autor p. 97 esta nota: "É provável que a antiga **Patavium** mudasse depois para **Pádua**, como nós dizemos. A verdade é porém que a palavra "depois" implica a solução de um não desprezível problema de crítica textual." Segundo parece, já Catulo, falecido em 54 a.C., emprega **PÁDUA** no C.95;

**At Volusi Annales Paduam morientur ad ipsam
Et laxas scombris saepe dabunt tunicas.**

Não é pacífica, bem sei, a leitura do hexâmetro. Lê-se em Forcellinus, Londres 1928: "Ita referunt quidam Lexicographi. At optimorum Criticorum (qui hanc vocem Veteribus ignotam putant) alii leg. **Aduam morientur ad ipsum. Alii Capuam. Alii apuam porgentur ad ipsam**". É **Paduam** entretanto a forma adotada por Lafaye, Paris 1922, ed. **Belles Lettres**.

Para *-u-*, no ditongo *ou-*, os exemplos são assaz conhecidos: em fr., *bouvard*, nome do martelo de cunhar moeda, diferente de *bouer*, vb. indicador dessa operação; em ptg., *ouvir*, *louvar*, *couve* etc., saídos de *ouir* >**ouwir*, *louar* >**louvar*, *coue*>**couwe*. O vb. fr. apontado e as formas galegas *ouir*, *louar*, citadas por Nunes, o.c. p. 78, perpetuam a fase anterior ao desdobramento *ou*, mais provavelmente, o momento em que, consumado embora o surgimento, não expresso, da semivogal, ainda não chegara esta a consonantizar-se em *-v-*.

Para *-i-*, no ditongo *-ei-*, documento seguro me parece *rije*, de **rigidu**>**riio*>**reio*>**reiyo*>arc. *reijo*, com sonorização do primeiro *-i-*, desdobramento do segundo e monotongação do ditongo; assim como *mijar*, de **meijar*<**meiyar*, este, com desdobramento do *-i-*, tirado de **meiare**, frequentativo de **meiere**. Não foi raro, ao contrário, foi frequente, na história da língua, monotongar-se em *i* o grupo *ei* (Cf. *Inês*, *lição*). A presença de *-y-* desdobrado de *-i-* é ainda da fonética ptga. dos nossos dias, nos ditongos *ai-*, *oi-* e do mesmo *ei-*, os quais, antes de vogal, soam *aiy-*, *oiy-*, *eiy-*. Forneçam-nos exemplos *Maio*, *moio*, *meio*, que se pronunciam correntemente *maiyo*, *moiyo*, *meiyo*. Não chegaram a conservar-se numerosas as formas da semivogal consonantizada. Podem ser porém citados *rajada*, de *raiada* >**raiyada*>**raijada*, coletivo de *raio*; também empregado, segundo entendo, com o valor de *golpe de raio* e daí, por contiguidade, com o *golpe de vento*. Com a conversão do *-y-* em *-j-*, foi eliminado o *-i-* anterior. Do mesmo modo se devem ter passado as cousas para *hoje*, de **hoie*>**hoiye* >**hoije*, assim como para *rajado*, de *raiado*>**raiyado* >**raijado*, para *cajado*, de **caiatu*>**caiyatu*>**caiyado*>**caijado*, para *cujó*, de **cuiu**>***cuiyu**>***cuiyo**>***cuijo**.

É evidente, ante estes exemplos, que nenhuma distinção estabeleço para o tratamento do **-di-** intervocálico lat., o qual, segundo entendo, evolucionou uniformemente em todos os casos. Como em fr. (**inodiare** > *ennuyer*, **gaudia** > *joie*), perdeu este grupo em Portugal o elemento explosivo, reduzindo-se a *-i-* segundo elemento de ditongo. Dois destinos aguardavam, nessa altura, o *-y-* que, conforme vimos, dêle se formava: ou permanecia como mero som de introdução da vogal seguinte, e tal é o caso da pronúncia *moiyo*, ou, intercorrendo a motriz diferenciadora, consonantizava-se em *-j-*, como no caso de *hoje* < **hoije* < **hoiye* < **hoie* < **hodie**.

Desta forma, dou por excelente a análise que da transformação de **-di-** em *-i-* faz o operoso, arguto e culto foneticista lusitano Rodrigo de Sá Nogueira, na bem elaborada *Tentativa de Explicação dos Fenômenos Fonéticos em Português* Lisboa 1941 p. 152, para **modiu** > *moio*, onde acertadamente assinala a africacão e vocalização do **-d-** e, em seguida, a assimilação e fusão do produto com o **-i-**. Reputo entretanto menos aceitável o processo que sugere p. 153-4 para os mesmos **-d-** e **-i-** em *hoje*. A esse *-j-* êle o vê com evolução de *-dj-*, o que importa, neste caso, admitir, sem aparente diversidade de circunstâncias, tratamento diverso para o citado grupo. O que parece todavia muito claro é que, colocados como se achavam em condições iguais, assim o **-di-** de **modiu** como o de **hodie** andaram os mesmos trâmites e, segundo a previsão científica mais plausível, chegaram ao mesmo estado. Atingido este, é que o *-y-* desdobrado de *-i-* se diferenciava na consoante *-j-*, acentuando-se assim a distinção entre os dois sons contíguos, a saber, a vogal e a semivogal. A fase *-dj-* não me parece conjectura necessária em ptg.. Própria do it., onde se mantém (*oggi*), será graciosa em nossa língua, que dela não necessita para obter

o *-j-* dessa posição. Provam-no as séries **cuiu** > ***cuiyu** > ***cuiyo** > ***cuijo** > **cujo** e ***caiatu** > ***caiyatu** > ***caijado** > **cajado**. Não apresenta *hoje*, quando comparado ao fr. *hui* (*aujourd'hui*) e ao esp. *hoy*, outra dissemelhança que não esta: a presença primitiva ou refeita, do *-e* provocou o desdobramento do *-i* e, por diferenciação, a consonantização do *-y-* que dêste surgira.

Noutro grupo intervocálico de sonora explosiva +*i* registra-se a mesma redução assinalada no **-di-** de **modiu**. O latim **-gi-** perde também o elemento explosivo, transformando-se em seguida a semivogal em *-i-* segundo elemento de ditongo. Demonstra-no-lo o caso de *ensaio*, proveniente de **exagiu**. E, enquanto o it. *saggio* apresenta, não a desapareção, mas, como em *oggi*, a persistência do elemento consonântico, apenas africado, o fr., eliminando-o, exhibe em *essai* o mesmo ditongo que o ptg..

O *-j-* produzido pela consonantização do *-y-* foi a comêço uma fricativa emitida com a ponta da língua apoiada aos incisivos inferiores, mais estreitada a passagem do sôpro na linha média do palato do que para a prolação da semivogal. Com o muito que esta consoante conservava do *-y-* de que vinha, ou seja, por fôrça do seu timbre molhado, foi que se eliminou o *-i-* precedente, segundo elemento de ditongo. Sem grande tardança porém, atraído pelo outro *j*, forma fricativa sonora já existente na língua (*gêlo*, *gemido*) e correspondente à oclusiva sonora do tipo *k*, o *-j-* primitivo com êle praticamente se identificou. Via de regra soam iguais na pronúncia dos nossos dias.

Destituído de afinidade com a semivogal, seria impotente esta outra fricativa para provocar a queda do *-i-*. É claro portanto que essa queda se deu antes que o outro *-j-* tomasse o lugar do primeiro. Por motivo análogo não se

eliminou o *-u-* de *louvar*, *ouvir*, *couve*, uma vez que, após a consonantização do *-w-*, o *-v-* bilabial resultante passara a lábio dental, como soa agora. Já diversificado do *-u-*, que é bilabial, não havia por que êste não se mantivesse.

Sôbre a evolução do *-v-* primitivo, primeira forma consonântica assumida pelo *-w-*, parece-me grandemente oportuno o que explana Grammont, *Traité de Phonétique* Paris 1939 p. 68, observando a respeito das bilabiais que “on les appelle aussi F bilabial et V bilabial. Elles sont généralement assez instables, parce que les organes entre lesquels elles sont articulées sont mous tous les deux et ne leur fournissent pas un point d'appui ferme; l'évolution les transforme le plus souvent en labio-dentales”.

Não menor apreço reclama, a propósito do *i*, do *y* e do *j*, êste tópico de M. Pidal, *Gramática Histórica Española* Madrid 1941 p. 108-9: “La *y* ... se distingue de la vogal *i* en que la estrechez prepalatal formada por el dorso de la lengua es alargada para le *y* y redondeada para la *i* ... En fin, la *y* puede perder su mojamiento y entonces se convierte em *ž*, o sea el sonido de la *j* antiga castellana, semejante a la francesa, pero sin labialización”. É esta precisamente a mutação que acabo de assinalar para a língua portuguesa, pondo em evidência porém que, antes de atingir o estado em que se assemelha ao *j* francês, a chiante primitiva, molhada, eliminara o *-i-* segundo elemento de ditongo, em palavras tais como *hoje*, *rajada* (subst.), *rajado* (adj.), *cajado*, *cujo*.

Porque são contíguos o fonema eliminado e o fonema causador da eliminação, não seria rigorosamente técnico dar a êste o nome de *dissimilador*. Em verdade o caso é antes de *eliminação por diferenciação*. Ao tempo quando se diferenciou em *j*, por meio de maior alongamento da via do

sôpro, — a qual, como ficou acima exposto, já é mais longa na emissão do *y* do que na do *i*, — a semivogal, em diferenciação conseqüente ou simultânea, provocou mudança na articulação do som que se lhe achava à ilharga, isto é, na articulação do *-i-* precedente, segundo elemento de ditongo, fazendo-o abandonar o carácter palatal que o define. Com isto o destruiu, pois tal carácter lhe é essencial e outra forma não podia êle revestir. Trata-se, como se vê, de algo mui semelhante, senão idêntico, ao tipo de dissimilação, em ditongo, do primeiro *-u-*, de **augustu** > agosto. Atacando-o no seu carácter labial, o segundo *-u-* levou-o igualmente à morte, uma vez que não havia como fazê-lo assumir forma diversa e afim.

Assim, tanto a diferenciação como a dissimilação podem ter por desfêcho a ruína total do fonema paciente, não como resultado direto e procurado, mas por efeito das condições particulares dêste.

*
* *

Afora as ocorrências do tipo descrito, nas quais a soante que se desdobra antes de vogal ocupa o segundo lugar de um grupo vocálico, creio poder apontar em ptg. outros desdobramentos para casos onde, sendo vogal e não segundo elemento de ditongo, havia-se ela nasalado, por efeito da desarticulação da consoante nasal subsequente.

Refiro-me precisamente ao contacto do *-ĩ-* e do *-ũ-* daquelas origens (**-inu** e **-unu**) com o *-o* e o *-a* acima mencionados. De *-ĩo* e *-ĩa*, de *-ũo* e *-ũa*, logo se veio a *-ĩỹo* e *-ĩỹa*, a *-ũũo* e *ũũa*. Por inércia ou, mais exatamente, por efeito do retardamento do véu palatino, que baixara para a emissão do *-ĩ-* ou do *-ũ-*, as duas semivogais, por

êstes produzidas e nasaladas, isto é, $-j̃-$ ou $-w̃-$, não se consonantizaram em $-j-$ ou $-v-$, senão em $-nh-$ e $-m-$. Por esta forma apareceram, na morfologia vernácula, os sufs. *-inho*, *-inha* e *-uma*. Formou-se pelo mesmo processo o num. fem. *uma*, tirado do lat. **una**, através de $ũa > *ũwa$.

Sôbre a nasalação das semivogais, será útil considerarem-se estas palavras de Grammont o.c. p. 95: "Il est fréquent que les spirantes soient plus ou moins nasales, c'est-à-dire articulées avec le voile du palais plus ou moins abaissé; mais l'impression auditive qu'elles produisent alors diffère assez peu de celle des spirantes purement orales: la résonance orale couvre la résonance nasale". E estas outras, do mesmo tópico, relativas que são à dificuldade de permanência dessas nasais no sistema fonético de qualquer idioma: "Beaucoup de langues ont eu des spirantes nasales au cours de leur évolution; mais il n'y en a guère que les aient gardées longtemps: ce sont des phonèmes instables".

Aquelas conversões, de $-y-$ em $-j-$, de $-w-$ em $-v-$, e a estas, de $-j̃-$ em $-nh-$, de $-w̃-$ em $-m-$, dou como causa o fator já mencionado: a diferenciação fonética.

*
* *

Como muitos outros pendores fonológicos assinalados em ptg., remonta ao i.e. a tendência diferenciadora. Nos termos em que precisamente demarcou Grammont o.c. p. 229, ela "a pour effet de rompre la continuité d'un mouvement articuloire soit au cours d'un phonème unique, soit dans l'ensemble de deux phonèmes différents mais contigus. C'est dans une certaine mesure la contraire de l'assimilation... L'assimilation tend à unifier et à confondre deux mouvements articuloires plus ou moins semblables

l'un à l'autre, la différenciation à les rendre plus distincts l'un de l'autre. La cause de la différenciation est, d'une manière générale, la peur inconsciente d'une assimilation que altérerait l'economie des mots...".

A mesma noção se encontra em Carlos Battisti *Fonetica Generale* Milão 1938 p. 341-2, que a define como "il processo... che rompe o la continuità di un movimento articolatorio omogeneo o la successione di due articolazioni omorganiche, cambiando parzialmente o completamente la posizione d'articolazione sia di parte di un fonema originariamente unitário, sia di uno di due fonemi consecutivi. Nel primo caso la differenza è creata, nel secondo approfondita". Conformaram êstes e aqueles dizeres as linhas em que Meillet assinalou o fenômeno em 1901, sob o título "De la différenciation des phonèmes", nas *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, XII.

Entre os gregos dou a diferenciação como agente responsável pelo surgimento de formas verbais como τύπτω, κόπτω, κλέπτω, χαλέπτω κτλ., nas quais o -π- do tema de τύπος, κόπος, κλέπος, χαλεπός, recebendo o suf. -yō- assimila a semi-vogal, para depois diferenciá-la numa dental, surda como êle: *τυπyō > *τυππω > τύπτω κτλ. Ao lado destas podem ser mencionadas as formações ιάπτω e ιαμβος, aquela verbal, representante de *ιαπyō- > *ιαππω, esta nominal representante de *ιαyō- > *ιαππο- > *ιαμπο- > ιαμβος. Também à diferenciação se deve, no último caso, a nasalização do primeiro -π-, tendo sido provocada por êste depois de nasalado, portanto sonorizado, a sonorização do segundo.

Para πόλις e πόλεμος, sincréticos de πόλις e πόλεμος, é de admitir-se evolução análoga. O primeiro elemento morfológico terá sido para ambos, nas formas com -t-, q^wol- porém q^wol-, nas formas desprovidas de dental: o que

significa que os dois primeiros dos primitivos elementos aqui associados, ***keu-eu-ol**, sofreram, para a gênese de *πτολ-*, redução a zero vocálico, havendo o **-u-** de **-k(e)u-** evoluído em **-w-**, depois em **ʷ**. Destarte pôde transformar em *π* o *k* inicial, que, labializando, assimilou o **-u->-w-** do elemento seguinte, tudo conforme a sucessão: ***kuwol->*qʷwol->*πωολ->*ππολ->πτολ-. Em *πολ-* vejo eliminação diferenciadora do *u>w* do segundo elemento sob o influxo do **-u->-w->ʷ** do primeiro.**

A *μόλυβδος* e a **plumbum** atribui-se origem ibérica. Mas diferentes são os graus do primeiro componente morfológico, **mol-** na forma gr., **ml-** na forma latina; a êste se segue **-ub-**, desenvolvido com **-eu-** temático e de grau zero, isto é, **-wo-**. Enquanto a estrutura helênica apresenta **-w-** assimilado ao **-b-** precedente e em seguida diferenciado em dental sonora, ou seja, **μολυβωο->*μολυββο->μόλυβδος*, a construção latina constitui certamente o desfêcho dêste processo: ***mlubwo->*ulubbo->*blumbo->plumbum**, onde se acusa a mesma assimilação de **-w-** a **-b-**, tal como ocorreu entre os *doublets* *μόλιβος* e *βόλιμος*, do mesmo sentido. A passagem de **blumbum** a **plumbum** decorre de evidente dissimilação entre **b-** e **-b-**.

À diferenciação conheceram também os Romanos em múltiplas espécies, p. ex. em **avillus**, **cavus**, **favilla**, cujo **aw** substitui **ow**, com o **o** de **ovis** e de **ovus**, **foveo** diversificados na sua labialidade pelo **-w-** labial seguinte; em **vermis**, **vester**, resultantes de ***vormis**, ***voster**, onde a ação do **w-** sobre o **-o-** se exerceu em sentido contrário, isto é, de trás para a frente. Há pouco, em *Formas Consonânticas da Vogal Reduzida* S. Paulo 1950 p. 12, expliquei como diferenciação de sonoridade ou, mais rigorosamente, diferenciação por ensurdecimento, o **p** de **templum**, **dampnum**, onde era de esperar um **-b-** ladeado por sonoras. Muito expressiva

é em nossa língua a diferenciação em *-ã-* do *-õ-* do *arc. leon*, provocada pela adjunção analógica do *-o* epítetico: † **leõo* > *leão*.

É também de interpretação diferencial o *-v-* de *ouvir*, *louvar*, *couve*, fruto da consonantização do *-w-* de **ouwir*, **louwar*, **couwe*. Porque a sequência *-uw-* continha duas contínuas bilabiais, apenas distintas entre si pelo ruído de fricção que assinala a semivogal, acentuou-se a diferença existente entre elas pelo refôrço dêste caráter semiconsonântico da segunda, mediante a redução do orifício dos lábios arredondados e a conseqüente mudança fonética do *-w-* em *-v-*. Do mesmo modo, no caso de **hoije*, **raijada*, **raijado*, **caijado*, **cuijo*, foi pelo alongamento do canal formado pelo dorso da língua na parte anterior do palato que, por diferenciação, ou seja, para o fim de aumentar a diferença fônica entre o *-i-* e o *-y-* contíguos, que se passou de *-y-* a *-j-*, da semivogal resultante do desdobramento do *-i-* de *ho(d)ie*, *ra(d)iu*, **caiatu*, *cuiu*, para uma consoante fricativa molhada. Por isto mesmo que era fricativa e molhada, muito do som de que viera tinha ainda essa consonância.

Num segundo momento, como acima se explanou, o *-w-*, que se fizera *v* bilabial, transformou-se na lábio-dental sonora da pronúncia corrente; e o *j*, representante do *-y-* e que dêste guardava ainda a aposição da língua aos incisivos inferiores, passou a constituir uma chiantè, muito semelhante ao *j* francês, articulada com a língua retraída e tendente para cima. Se com aquilo aumentara a diferença dantes existente entre o *u* e o primitivo *v*, ambos bilabiais, aumentou com isto a distância dantes existente entre o *i* e o primitivo *j*, que ambos traziam a língua para junto dos dentes da frente da mandíbula.

Preciso notar porém que, enquanto parece ter sido geral e pronta a dentalização do *-v-* primeiro, não se consumou

com a mesma presteza e extensão a mudança articulatória que assinalei para o *-j-*. Daí proveio que, enquanto se conservava o *-u-* de *louvar*, *ouvir*, *couve*⁵, era eliminado o *-i-* de **hoije*, **caijado*, **raijada*, **raijado*. De tal modo que, onde o *-i-* se apresenta antes de chiante, seja ela sonora ou surda, o caso será de *-j-* ou *-x-* oriundos de *-si-* ou *-ssi-*, constituídos diretamente, desde o início, com a ponta da língua retraída e tendente para cima, sem terem atravessado a fase da articulação baixa, que se praticava com a língua apoiada aos incisivos inferiores. Êste é o caso de *beijo*, tirado de **basiu**; de *queijo*, tirado de **caseu**; do arc. *igreja*, tirado de **ecclesia**; de *paixão*, tirado de **passione**; de *baixo*, tirado de **basseu**; de *roixo*, tirado de **russeu**; de *aleijão*, tirado de **laesione**; de *feijão*, tirado de **phasianu**; etc., todos com interversão do *-i-* primitivo ou do *-i-* em que se transformara o *-e-*; assim como o de *caixa*, tirado de **capsa**; de *madeixa*, tirado de **metaxa**; de *seixo*, tirado de **saxu**; de *freixo*, tirado de **fraxinu**; de *frouxo*, tirado de **fluxu**; etc., todos com vocalização da explosiva dos grupos **-ps-** e **-cs-**. Ao contrário, onde desaparece o *-i-*, como p. ex. no popular e quinhentista *baro*⁶, em *roxo*, em *graxa* (lat. **crassea*), revela-se a influência eliminadora de uma chiante de articulação semelhante à *dèle*.

Sôbre as ocorrências de chiante precedida de *-i-*, observe-se que a sonora *-j-* continua uma sibilante simples, já sonorizada antes da interversão daquele (**ecclesia** > *igreja*);

5. As pronúncias **lovar**, **ovir**, **cove**, com monotongação do ditongo em **o** fechado, que se ouvem em vários rincões do Brasil constituem fenómeno independente e são paralelas do pop. **dinhero**, **Figueredo**, onde **-ei-** se monotonga em **-e-** fechado. Resultam da influência do **o-**, do **-o-** e do **-e-**, que diferenciam, por eliminação, o **-u-** e o **-i-** vizinhos, aquele labial, êste palatal como êles, provocadores da diferenciação.

6. Cf. p. ex. Camões L. X 87, 89 etc.

e que, ora porque dupla (*passione* > *paixão*), ora porque ligada à surda dos grupos *-ps-* e *-cs-* (*capsa* > *caixa*, *saxu* > *seixo*), é surda a sibilante que deu origem à surda *-x-*.

*
* *
.

No caso de *-iỹo* e *-iỹã*, atuando a diferenciação sôbre a semivogal nasal, aumentara a diferença articulatória que a separava da vogal nasal precedente, tirando-lhe em parte o caráter de contínua e ajuntando-lhe o de explosiva, ou seja, transformando-a em *-nh-*. O caso era porém, a comêço, o de uma nasal molhada, para cuja explosão a língua usava o mesmo ponto de apoio daquele primeiro *-j-* e, que, tendo de comum com êste a molhadura, diferia dêle pelo caráter de momentânea. Assim o *-j-* de hoje, na sua forma primeira, e o *-nh-* de *ninho*, quando ainda articulado com oclusão baixa, isto é, realizada junto aos incisivos inferiores, diferiam entre si nisto que era êste uma explosiva nasal e aquele uma fricativa oral, coincidindo entretanto no mesmo ponto de apoio oferecido à língua. Por outros têrmos, eram homorgânicos e molhados, sem ficar esquecido que para o *-nh-* permanecia descido o véu do paladar, como para o *-ỹ-* de que provinha.

Com êste último pormenor deixo justificada a restrição “em parte” expressa acima. Em qualquer das suas espécies, o *nh* é sem dúvida explosivo, com o tipo de articulação lingual que realiza, seja contra o palato, seja contra os incisivos inferiores. Mas persiste para elas a continuidade, para elas como para todo o gênero das nasais, uma vez que, com a descida do véu palatino, fica aberta, sem interrupção, a via nasal, para a corrente expiratória. Como na passagem de *-y-* a *-j-* retro estudada, não se processa aqui a diferen-

ciação para uma mudança violenta e extrema, — o que seria fisiològicamente incompreensível, — mas para obtenção de um som que, sendo diverso, conserva algo do anterior.

Já em Grammont o.c. p. 95 se acha reconhecida a variedade articulatória do *n* molhado: “Elles (les nuances de l'*n* mouillé) sont toujours caractérisées par un large étalement de la langue contre la voûte palatine. Leur différence articulatoire la plus caractérisée est que pour les unes la pointe de la langue est en haut, dans la région des incisives supérieures ou de leurs alvéoles, pour les autres elle est en bas, appuyée contre les incisives inférieures ou leurs alvéoles”.

Essa primitiva nasal molhada, de articulação baixa, pois que nascida de *-ỹ-*, não demorou também em sofrer a atração e confundir-se com outra, de articulação alta (*lenha, punho*), formada de *ñn-*, grupo que o lat. representava por **-gn-** (*ligna, pugnu*). Era porém originalmente mui diversa desta, como o provam as antigas grafias *vño, raĩa, ou reĩa, algũa, ãa*, testemunhas de que, ao contrário do que ocorrerá nas palavras dêsse tipo latino (*ñn-*), cêdo se desarticulava o **-n-** de **-inu** e **-ina**, de **-unu** e **-una**, e que dêle não sobrevivera senão a ressonância nasal impregnante do *-ĩ* e do *-ũ*. Não falta a êsses registros gráficos senão o *-ỹ-* que se formava naturalmente entre o *-ĩ-* e a vogal seguinte e que exigiria, em ortografia rigorosa, as formas *vỹjo* e **reỹya* ou **raỹya*. Tanta exatidão não seria razoável exigir dos antigos escribas. Dêsse *-ỹ-* é que saiu, com mudança parcial do caráter de conínua para explosiva, o primitivo *-nh-* ptg..

À semelhança de **-di-** e **-gi-** intervocálicos, também o **-ni-** da mesma posição tomou a forma de um simples *-i-*, nasalado, na desarticulação do **-n-**, pela inércia do véu palatino; portanto, um simples *-ĩ-*. É esta soante vogal nasal que,

desdobrando-se em $\tilde{i}\tilde{y}$ -, explica também formações como *montanha*, de **montanea**, por via de ***montania** > ***montãia** > ***montãiya** > ***montãinha**. Ainda aqui a molhada nasal *-nh-* responde pela eliminação do \tilde{i} - que a precedia, exatamente como a molhada oral *-j-* de ***hoije** > **hoje** explica a desaparecimento oral anterior.

Na evolução cujo resultado veio a ser *vergonha*, melhor se me afigura adotarmos a mudança de **-di-** em simplse *-i-* do que o suposto ***verecunnia** de que cogitam Meyer-Lubke, Cornu, Nunes e d. Carolina (Cf. A. Nascentes *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* Rio de Janeiro 1932 s.v.). Sem embargo de que se tenha registrado **verecunnus** no lat. vulgar, foi **verecundia** a forma que viveu na língua de Lusitânia, como se vê pela arc. *vergonça*, comprovadora da presença anterior da dental. Por onde esta caiu, não é que se implantara ***verecunnia**, mas se desarticulara o **-n-** de **verecundia**, deixando o **-di-** em posição intervocálica e levando-o pois a *-i-*. Daí a sucessão ***veregũia** > ***vergõiya** > ***vergoinha** > *vergonha*.

Grundire, onde análogamente também ocorreu desarticulação do **-n-**, nasalização do **-u-** precedente e redução de **-di-** a *-i-*, produziu *grunhir* por via de ***grũir** > ***grũwir** > ***grũyir**, devendo-se assinalar mais neste último termo a substituição de \tilde{w} - por \tilde{y} -, sob influência da palatal subsequente. Em seguida, \tilde{y} -, contínua entre contínuas, diferenciou-se normalmente em *-nh-*. Partindo do lat. vulgar **grunnire**, atestado no *App. Probi*, poderíamos interpretar, segundo já se fez algures, essa forma ptga. como empréstimo esp., uma vez que entre os de Castela foi que **-nn-** deu \tilde{n} -. Muito mais provável é porém que vocábulo como êste, tão sensivelmente popular, seja autenticamente vernáculo e que nessa nasal molhada (*nh*, \tilde{n}) coincidam os desfechos de dois processos diferentes.

Quanto ao *-ĩw-* de **ũũa* (*num.*) e *-ũũa*, também êste, perdendo parcialmente o carácter fricativo, tornou-se explosivo, isto é, passou a *-m-*, por diferenciação ocorrente dentro da série de três contínuas, como igualmente se fizera momentâneo o *-ỹ-*, diferenciado em *-nh-* dentro das sequências *-ĩỹo* e *-ĩỹa*, constituídas de modo igual.

Neste só pormenor diverge do ptg. *uma* o gal. *unha*: antes de se ter diferenciado em explosiva o *-ĩw-* de **ũũa*, sobreviera, como no ptg. **grũwir > *grũyir*, a diferenciação desta semivogal labial na outra, na palatal *-ỹ-*, sob o influxo da primeira labial, o *ũ-*. Assim, o impulso diferenciador destinado a seccionar a sucessão das três contínuas transmutou a contínua média, não em *-m-*, mas em *-nh-*, como era de esperar.

Semelhantemente, no ar. *inhenho*, representante de *ingenuu*, foi a última labial que diferenciou em *-i-* o primeiro *-u-*. Temos pois *ingenio* como ponto de partida. Quanto ao *-g-*, alvitra J. J. Nunes o.c. p. 131 que se tenha vocalizado excepcionalmente. Nada em contrário, a não ser talvez essa pretendida excepcionalidade. Daquela forma, mercê da indicada vocalização, se veio a **inienio* e, em seguida, a **ĩĩẽĩo*, depois que os dois *-ni-* se haviam reduzido o *-ĩ-*, com nasalização das vogais vizinhas. Postos antes das vogais *e* e *o*, tanto o segundo como o terceiro *-ĩ-* se desdobraram, produzindo *-ĩỹ*, ou seja o conjunto **ĩĩỹẽĩỹo*, donde *inhenho*, por via da consonantização de cada *-ỹ-* e eliminação diferenciadora de cada *-ĩ-* que precedia as semivogais. Tal foi também o caso de *ringere* que chegou a *renhir*, através de **rengir > *rẽgir > *rẽũir > *rẽỹir > *reĩnhir*; e o do arc. *tanher*, vindo de *tãgere*, através de *tanger > *tãger > *tãĩer > *tãỹer > *tainher*. Para *quinhentos* parece-me ter sido esta a su-

cessão: **quingentos** > *quũentos > *quiĩyentos > *quiĩnhentos. A perda do \tilde{i} - que precede o $-nh-$ em todos êstes casos acha-se explanada acima, no tópico relativo a *montanha*.

*
* *

Sem embargo de que a sobrevivência de formas genèricamente inflexíveis como *ruim* e *vacum* e a análise fonética a que acabo de proceder nos leve a firmar os finais $-im$ e $-um$ como antecedentes diretos de $-inho$, $-inha$ e $-uma$, em fase remota do idioma, para os vocábulos já até então nêle introduzidos, não é de concluir daí que, em todos os casos, as palavras que apresentam êstes últimos finais tenham surgido por efeito da adjunção dos epíteticos $-o$ e $-a$ apontados acima. O desdobramento de \tilde{i} - e \tilde{u} - em $\tilde{i}\tilde{y}$ - > $-inh-$ e em $\tilde{u}\tilde{w}$ - > $\tilde{u}m-$ ocorreu evidentemente do mesmo modo também quando o têrmo, forma semiculta ou empréstimo que houvesse transitado por via popular, conservava, a despeito da queda do $-n-$ médio, o $-o$ ou o $-a$ originários. Ante esta consideração, não teria valor real indagarmos, em casos concretos, se p. ex. *vinho*, antigo *vĩo*, se *uma*, antiga *ũa*, correram anteriormente em ptg. como *vĩ* e *ũ*, sem a epítese daquelas vogais, ou se estas sempre lhes estiveram apensadas, sem solução de continuidade, desde a éra latina. Sejam primitivos ou refeitos êstes $-o$ e $-a$; o processo terá sido sempre o mesmo: $\tilde{i}o$ > $\tilde{i}\tilde{y}o$ > $-inho$; $\tilde{u}a$ > $\tilde{u}\tilde{w}a$ > uma ; $\tilde{u}a$ > $\tilde{u}\tilde{w}a$ > uma . Não há pois porque distinguir, do ângulo morfológico, entre as formações primitivas de $\tilde{i} + o$ ou $\tilde{i} + a$ e formas semicultas como *estorninho*, *fontaiinha*, *campainha*, tomadas ao it. *stornino*, *fontanina*, *campanina*, reduzidas primeiro a **estornũyõ*, **fontaiỹa*, **campaiỹa* e chegadas por fim à estrutura de hoje, mediante a diferenciação da frica-

tiva nasal \tilde{y} - na explosiva nasal $-nh-$, segundo o apontado processo de seccionamento das três contínuas consecutivas.

A desarticulação do $-n-$ intervocálico e a consequente nasalização do $-i-$ ou do $-u-$ anteriores abundantemente se comprovam pelos velhos textos. Bem conhecidas são, a par de $\tilde{v}io$ e $\tilde{u}a$, grafias arcaicas como *reĩa*, *raĩa*, *lũa*, *nenhũa* e inúmeras outras. É quanto basta para que se excluam terminantemente as gratuitas hipóteses em que o $-n-$ se tenha transformado, para alguns casos, em $-nh-$, para outros em $-m-$. Não se podia transmudar em outro um som que já não tinha existência. *Qui non est non agit.*

Tem aqui cabimento esclarecer que, se não possuímos o masc. **umo*, de *uma*, nem exemplo de $-umo$, deve-se a que na sequência $\tilde{u}\tilde{w}o$ ou $-\tilde{u}\tilde{w}o$, segundo momento de $\tilde{u}o$ e $-\tilde{u}o$, ensurdecia-se o $-o$ final, por influência das duas labiais anteriores, passando também a $-u$. Bem evidenciada se acha essa maior labialização nas grafias arcaicas $\tilde{u}u$, *algũu*, *nenhũu*, que encobrem **ũwu* e $-\tilde{u}\tilde{w}u$, formas a que hoje correspondem sa pronúncias \tilde{u} e $-\tilde{u}$, resultantes da diferenciação eliminadora das duas labiais seguintes ao \tilde{u} inicial, isto é, da semivogal nasal $-\tilde{w}-$ e da vogal $-u$.

Entretanto, não se mostra assim negativa a coleta para o feminino. Além do citado numeral e seus referidos compostos, a saber, *uma*, *alguma*, *nenhuma*, podem ser a mais citados *luma*, *perruma* e *verruma*.

Do primeiro há testemunhos de vigente em mais de uma província do domínio do ptg., J. J. Nunes o.c. p. 216 cita outrossim o dim. gal. *Lumiña*, colhido nos *Cantares Gallegos* de Rosália de Castro.

A *perruma*, “pão para cães”, mencionou M. Lubke, *Gram.* II § 455 (495), ao lado de *gatum*, *cabrum*, *ovelhum*,

vacum, bodum, fortum, touruno, prendendo-os todos ao suf. **-unu**. E, na p. acima cit. das *Apostilas*, de modo expresso a filia Gonçalves Viana ao grupo de uma: “A forma anterior há de ter sido *perrũa*, como a forma anterior à actual culta em todo o reino, e vernácula no Sul, *uma* foi *ũa* < **una**”. Judiciosamente acrescenta que o *-a-* está por *-e-* mercê da influência do *-r-*.

Sôbre *verruma*, tendo-a por derivada de ***verruna**, através de ***verrũa** > ***verrũa**, prendo-a eu a **verres**, *porco inteiro*, baseado na semelhança entre a forma dêsse instrumento de marcenaria e a do órgão padrador do animal. Em apoio dêste étimo lembro o it. *verrina*, que significa o mesmo que o ptg. *verruma*. Afigura-se-me superior êste alvitre às conjecturas existentes, umas arábicas (*barrina, birrina, barima*), outras latinas (**verrubiu, verruina**), com que se ocuparam M. Lubke, Engelmann, Cornu e às quais tôdas se refere o precioso *Dicionário Etimológico* de Nascentes, já citado.

Para o ptg. esp. *redoma*, pondo igualmente à margem os subsídios de Cortesão, M. Lubke, Eguilaz Rev. Lus. 373, todos colecionados pelo mesmo dicionarista, sugiro ***rotuna**, formado sôbre **rota**, com o mesmo suf. **-una**, como se **capra** se formou de **capruna**. Perdida a articulação lingual do *-n-*, também nessa palavra se achou o *-ũ-* em contacto com o *-a-*, protético ou originário, produzindo, com sonorização do *-t-*, a forma *rodũa*, da qual se veio a ***roduma**. Sob a influência de *redonda* (lat. **rotunda**), sonorizou-se o *-ũ-*, e, tal como nesta, foi por dissimilação que o *-o-* da primeira sílaba passou a *-e-*. Outros exs. conhecidos do mesmo tipo de dissimilação são *escuro*, de **obscuru-**; *tesoira*, de **tonsoira**; *peçonha*, de ***potionea**; *relógio*, de **horologiu**; etc.

A nasalidade do *-ĩ-* e do *-ũ-* resultava, como é bem sabido, da desagregação do *-n-* do sufixo. Podia provir contudo de ação *a tergo*, como sucedeu em *mim*, antigo *mi*, em *nem*, antigo *ne*, em *muito*, êste ainda na segunda metade do séc. XVI pronunciado com *-ui-* perfeitamente oral. Foi igualmente progressiva a nasalização de *mia*, forma evoluída de *mea* e que passou a *minha* através de **mĩya*. Não foi outro o caminho de *ninho*, cujos antecedentes são *nidu* > arc. *nũo* > **nĩyo*.

Não é privativa do ptg. a perda do *-o* representante do *-u* latino de *-inu*. Onde os italianos somente dizem hoje *cammino*, *Constantino*, disseram dantes também *cammin*, *Constantin* (“*Nel mezzo del camin di nostra vita*”, Dante *Inf.* I 1. “*Posciachè Constantin l’aquila volse*”. Id. Par. VI I). A restauração não lhes podia entretanto produzir o desdobramento responsável pelo nosso *-nh-*, uma vez que, nessa apócope, não se perdera entre êles o movimento articulatorio do *-n*. Com a adição da vogal epitética sucedeu apenas que a consoante, de implosiva que se fizera, voltou a soar explosiva como no tempo dos Quirites.

Assim se devem ter igualmente passado as cousas entre os restantes falares da Ibéria. Vivem em Espanha formas como *moliño* e *rocín*, esta última com *-n*, não reduzido a simples ressonância nasal do *-i-*, mas articulado como nítida linguo-alveolar. Não se podia portanto desdobrar a soante vogal nasalada precedente, visto como não entrava em contacto direto com a vogal, hereditária ou restaurada. Parece-me aqui cabida esta observação de M. Pidal (o.c. p. 232: “...la tendencia a la apócope es tan indígena que hay regiones, como Asturias, el Bierzo y NO de León, donde se desconoce enteramente *-ino*, diciendose siempre *molín*,

padrín, etc., aunque el plural es *-inos*; contrariamente, en el dialecto de Extremadura el diminutivo conserva la *o*: *pequeñino*, *discretino*.”

*
* *

Em *Topônimos e Gentílicos I* Pôrto 1941 p. 221, coloca Xavier Fernandes em contraste a opinião de “um professor do Liceu de Rodrigues de Freitas”, para quem é o suf. *-io* o elemento terminativo de *algarvio*, e o ensino de L. de Vasconcelos, segundo o qual teria sido êste gentílico formado diretamente do árabe *algarbí*. Ora, observo, se de um lado não seria normal o emprêgo de *-io* nessa função etnonímica, esbarra doutro lado a tese semita com êsse *-o* epitético que não encontro em outros vocábulos em *-i* da mesma procedência (*alfaqui*, *olmafi* etc.). Eis porque me inclino para a idéia de desnasalção de *algarvino* > **algarvĩo* > **algarvĩyo*. Em vez de diferenciar-se o *-ỹ-*, tomando o caráter de explosiva nasal molhada (*-nh-*), simplesmente se desnasalou e, com êle, o *-i-* precedente. Oralizados, fundiram-se, como o *-iy* de *fastio* < **fastiyo* < *fastidiu*. Não é outra a explicação para *lua*, saída de *lũa*, isto é, **lũwa*, com *-uw-* desnasalados. Porque, do outro lado, na pronúncia popular, guardaram estas duas labiais o timbre nasal, foi que a diferenciação da segunda em explosiva (*-m-*) fêz surgir *luma*.

R E S U M É

L'auteur étudie comme des cas de différenciation les formes grecques de labiale + dentale, tels que τύπτω, λάπτω, πτόλις, πτόλεμος, μόλυβδος.

D'après aussi son opinion, les leçons que prétendent que ptg. *uma* vient ou de l'archaïque *ũa*, avec consonantisation de la nasalité, ou du lat. *una*, avec assimilation de l'-n- à la labialité de l'u-, sont tout à fait inexacts. L'-m- qu'on voit dans cette forme représente sans doute la différenciation de l'-ũ- de **ũwa*, dont la graphie ancienne *ua* cache la réalité autant que l'ortographe moderne *maio*, *meio*, *moio* cache cache celle des vraies prononciations *maiyo*, *meiyo*, *moiyo*.

Ce procédé, qui a produit la forme féminine de numéral *um*, a été employé pour former aussi les suffs. *-inho*, *-inha* e *-uma*, en observant toutefois que ce dernier n'apparaît que dans des adjectifs d'une forme pour les deux genres et dans des substantifs féminins. L'auteur en donne les raisons historiques et phonétiques.

L'origine présentée dans cet article pour toutes ces formations consiste dans la tendance indo-européenne, conservée par le ptg., suivant laquelle une sonante suivie d'une voyelle avec qui elle ne formait pas syllabe produisait après elle la demi-voyelle qui lui correspondait. Ainsi, lorsqu'à *-inu* et *-ina*, à *-unu* et *-una*, devenus invariables dans une époque éloignée de la langue sous les formes *-i* et *-ũ*, on a adjoint *-o* ou *-a*, pour exprimer les différences de genre, on a eu *-iyo*, *-iya* et *-iwa*. Ensuite, par différenciation, on arriva à *-inho*, *-inha* et *-uma*. La filière de trois continues a été sectionnée par la substitution de la continue moyenne par le moyen de l'explosive nasale correspondante. Le même a eu lieu lorsque l'-o ou l'-a étaient non restitués, mais primitifs. L'-a de *ua*, c'est-à-dire **iwa*, peut être primitif ou restitué.

L'auteur étudie, à côté de ces formations nasales, les produits oraux qui lui sont parallèles. Il ne voit pas dans *hoje*, *rajada* (subst.), *rajado* (adj.), pas plus que dans les autres formes dans

lesquelles le lat. contenait **-di-** entre deux voyelles, l'évolution **-dy->-j-**. Ce groupe de dentale sonore + i s'y est simplifié par la voie de l'affrication et vocalisation de la première partie. L'**i-** résultant devint le second élément de diphtongue, lié à la voyelle qui précédait le groupe; dans cette autre fonction il a engendré l'**y-**, qui, par différenciation, s'est consonantisé quelquefois en **-j-**. Cette chuintante, qui n'était pas alors phonétiquement ce qu'elle est aujourd'hui, c'est-à-dire quelque chose de bien proche du **j** français, mais une fricative fortement mouillée comme l'**y-** dont elle est née, a provoqué la chute de l'**i-** antérieur. On était arrivé de la même façon à *cajado* et *cujo*, qui n'avaient **-d-** originaire. De tout ceci, nous donnent de bonne preuve *meio*, *moio*, *raio*, de **mediu**, **modiu**, **radiu**, en observant cependant qu'ici les faits ne sont pas allés si loin: l'**i-** qui représente l'évolution du groupe **-di-** a survécu comme second élément de diphtongue, mais sans consonantisation de la semi-voyelle produite par celui-là.

En partant de ces vues, l'auteur cherche à résoudre quelques problèmes étymologiques ayant rapport avec les susdites terminaisons (*rajada*, *verruma*, *redoma*, *algarvio* etc.).

E R R A T A

- Pg. 9 1. 3, ler Nunes
1. 1, de baixo, ler do
- Pg. 10 1. 6, de baixo, ler hexâmetro
- Pg. 17 1. 11, de baixo, ler * $\tau\nu\pi\upsilon\bar{o}$
1. 8, de baixo, ler * $\iota\alpha\pi\upsilon o$ -
1. 2, de baixo, ler formas
- Pg. 18 1.18, ler *mlubbo -
- Pg. 21 1.12, ler *hoje*
- Pg. 22 1. 5, de baixo, ler contínua
1. 5, de baixo, ler explosiva
- Pg. 23 1. 8, ler simples
- Pg. 26 1.13, de baixo, ler as
- Pg. 30 1. 2, ler $\iota\acute{\alpha}\pi\tau\omega$
1.10, suprimir repetição de palavra
1.12, de baixo, ler **inu** et **ina**, à **unu** et **una**

A

Cadeira de Língua e Literatura Grega

pede e agradece a remessa de suas publicações

vous prie de lui envoyer vos publications

shall be glad to receive your publications

chiede e ringrazia per l'invio delle sue pubblicazioni

bittet Sie um Zusendung Ihrer Veröffentlichungen

le agradecerá el envío de sus publicaciones



CADEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA GREGA

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

CAIXA POSTAL 8.105 — SÃO PAULO-BRASIL

